

# **Modelo Teórico de Análise do Capital de Giro e de Demonstração dos Fluxos Operacionais de Caixa**

**Maurício Melo Dolabella**

## **Resumo:**

*O objetivo deste trabalho é apresentar um modelo teórico que permite a análise, mensuração e evidenciação dos investimentos no capital de giro e dos fluxos financeiros operacionais dos diferentes produtos de uma empresa. Para isto este trabalho apresenta um modelo gráfico dos fluxos financeiros operacionais, uma abordagem para analisar e mensurar o capital de giro das empresas e uma estrutura de demonstração dos fluxos de caixa em função em função dos diferentes produtos de uma empresa. Ao permitir uma identificação de investimentos nos ciclos operacionais de cada produto e os fluxos financeiros por eles produzidos acredita-se que este modelo possa contribuir no processo de gestão financeira das empresas.*

**Área temática:** *Controladoria*

## **Modelo Teórico de Análise do Capital de Giro e de Demonstração dos Fluxos Operacionais de Caixa**

**Maurício Melo Dolabella** (Universidade Federal de Minas Gerais) [mmd@face.ufmg.br](mailto:mmd@face.ufmg.br)

### **Resumo**

*O objetivo deste trabalho é apresentar um modelo teórico que permite a análise, mensuração e evidenciação dos investimentos no capital de giro e dos fluxos financeiros operacionais dos diferentes produtos de uma empresa. Para isto este trabalho apresenta um modelo gráfico dos fluxos financeiros operacionais, uma abordagem para analisar e mensurar o capital de giro das empresas e uma estrutura de demonstração dos fluxos de caixa em função em função dos diferentes produtos de uma empresa. Ao permitir uma identificação de investimentos nos ciclos operacionais de cada produto e os fluxos financeiros por eles produzidos acredita-se que este modelo possa contribuir no processo de gestão financeira das empresas.*

*Palavras-chave: Gestão Financeira, Demonstração dos Fluxos de Caixa, Capital de Giro*

*Área-temática: Controladoria*

### **1. Introdução**

A gestão financeira das empresas possui como um de seus objetivos garantir a liquidez empresarial, ou seja, garantir a capacidade da empresa de pagar os compromissos financeiros com terceiros nas datas acordadas. As decisões tomadas pelas diferentes áreas de uma empresa no processo de compras, produção, vendas e administração produzem compromissos financeiros com terceiros que devem ser honrados através da transferência de recursos financeiros e, portanto, estes recursos devem ser gerenciados com o intuito de evitar atrasos dos pagamentos junto aos fornecedores. Assim, "... muito mais que um objetivo a ser perseguido, a liquidez constitui uma condição *sine qua non* para a continuidade das atividades empresariais" (BRAGA, 1989, p. 29). Para atingir seus objetivos, o gestor financeiro deve dispor de um sistema de informação que lhe permita planejar e controlar a evolução da necessidade de recursos financeiros da empresa necessários para fazer face ao nível de produção e venda de seus diferentes produtos.

Nos últimos anos, nos Estados Unidos e na Europa, foram desenvolvidos diferentes modelos de demonstração de fluxos de caixa das empresas (STOLOWY, 1989), seja para atender às necessidades de informação por parte de usuários externos à empresa (Contabilidade Financeira) ou para dar suporte o processo de gestão financeira no nível estratégico e tático. Em geral estes modelos classificam os fluxos de caixa das empresas em fluxos operacionais, fluxos de investimento e fluxos de financiamento. Dentre os modelos existentes de demonstração dos fluxos de caixa para fins externos, dois podem ser destacados (MARQUES e BRAGA, 2001): método direto e método indireto. O método direto relaciona os fluxos que efetivamente geraram ou consumiram caixa das operações e possui como principal vantagem sua simplicidade relativa. Já o método indireto é elaborado a partir do resultado líquido da empresa (lucro/prejuízo) até chegar ao fluxo de caixa operacional após uma série de ajustes, eliminando-se transações e eventos que não afetam o caixa, mas que estavam incluídos no resultado líquido. No nível interno das organizações, o método direto de elaboração do fluxo

de caixa é mais sugerido, tanto para acompanhamento diário dos recebimentos e pagamentos, como para a análise e projeção de necessidades de recursos financeiros no médio e longo prazo, auxiliando assim, decisões financeiras táticas e estratégicas (ZDANOWICZ, 1988; FREZATTI, 1997).

Entretanto, estes modelos não identificam, dentro dos fluxos financeiros operacionais, os fluxos financeiros por produtos. No método direto as saídas de caixa, ao serem evidenciadas pela natureza dos gastos não permitem identificá-las segundo o destino funcional que estes têm no ciclo operacional. Neste sentido, algumas questões sobre os efeitos financeiros decorrentes de decisões e eventos que ocorrem no ciclo operacional de compras, produção e vendas têm, como respostas, apenas a evidenciação do efeito no caixa, porém sem uma explicação analítica da causa destes efeitos. Como exemplo de questões gerenciais podem ser citadas: Qual o impacto da sazonalidade das vendas dos produtos e das mudanças nas políticas de pagamentos sobre as necessidades de capital de giro e, conseqüentemente, nos fluxos de caixa? Qual o montante de pagamentos periódicos identificados a uma linha de produtos? Por que um produto, apesar de lucrativo, está gerando déficits de caixa?

Diante destas questões, o objetivo deste trabalho é apresentar um modelo teórico de sistema de informação contábil que permita identificar e mensurar, periodicamente, os recursos financeiros investidos no ciclo operacional (capital de giro) dos produtos e os fluxos de caixa por eles produzidos.

Este trabalho está dividido em sete partes, incluindo esta introdução. A seguir serão apresentadas a metodologia utilizada nesta pesquisa e sua validade. Posteriormente, na terceira parte, será apresentado o modelo de representação gráfica dos fluxos de caixa, dando destaque aos fluxos financeiros operacionais e ao capital de giro. Na quarta parte, os elementos que compõem o capital de giro serão definidos, assim como o modelo de mensuração destes elementos. Em seguida, é apresentada a estrutura da demonstração dos fluxos de caixa, inserindo-se nesta a relação matemática e patrimonial do comportamento dos fluxos financeiros de cada produto com a variação de suas respectivas necessidades de capital de giro. O trabalho conclui apontando algumas vantagens informativas do modelo e a necessidade de pesquisas adicionais para permitir sua implementação no processo contábil e gerencial das empresas.

## **2. Metodologia da Pesquisa**

A estratégia metodológica adotada para desenvolver este modelo de sistema de informação foi à pesquisa bibliográfica e experimental. Pela análise da literatura buscou-se identificar as características e limitações dos modelos convencionais de análise do capital de giro e de demonstração dos fluxos de caixa enquanto instrumentos de suporte ao processo de gestão financeira. A pesquisa experimental foi feita através da utilização de dados hipotéticos. A partir destes, foram efetuados testes de formas alternativas de mensuração dos elementos de capital de giro de uma empresa industrial e de diferentes relações entre as variáveis envolvidas no ciclo operacional, tais como: quantidade de produção e venda de produtos, prazos de pagamento e recebimento, valores unitários de insumos, prazos de estocagem, comissões sobre vendas, gastos periódicos, etc. No processo experimental, realizado em planilha eletrônica através de tentativas e erros, os valores apresentados no modelo de demonstração dos fluxos de caixa proposto foram confrontados com os valores apresentados em uma demonstração dos fluxos de caixa elaborada pelo método direto de forma a garantir a consistência dos cálculos matemáticos envolvidos, pois, os valores de saldos de caixa não podem ser diferentes.

A escolha de uma empresa industrial deve-se ao fato de que o processo industrial possui um ciclo operacional mais complexo do que o encontrado nas empresas comerciais e de serviços, porém tal fato não invalida a aplicação do modelo proposto nestes setores.

Em suma, a escolha da metodologia utilizada tem dois objetivos: conhecimento e gestão. “... do ponto de vista científico, modelos devem agregar conhecimento em geral. Entretanto, a partir de uma perspectiva gerencial, modelos devem ajudar na solução de específicos problemas de decisão” (DAVIS & COSENZA, 1985, p. 287 – tradução nossa).

Neste presente artigo o modelo proposto é caracterizado em termos teóricos, sendo caracterizados seus elementos, suas vantagens para a gestão financeira e suas limitações quanto à uma futura utilização prática.

### **3. Fluxos Financeiros: definição e modelo de representação gráfica**

Os fluxos financeiros são os fluxos de moeda (física ou escritural) que uma empresa tem perante terceiros (fornecedores, acionistas, trabalhadores, instituições financeiras, clientes, Estado, etc.) para a execução de suas atividades econômicas. O montante e o momento destes fluxos dependem das decisões (operacionais e econômicas) das diferentes áreas da empresa ao negociarem com os fornecedores e clientes. Os fluxos financeiros podem ser classificados de acordo com a função das decisões que lhes dão origem em: fluxos financeiros de investimento, fluxos financeiros de financiamento e fluxos financeiros operacionais, conforme representado na Figura 1. No processo de gestão financeira estes três fluxos devem ser gerenciados com o propósito de garantir a liquidez da empresa e, ao mesmo tempo, contribuir para a formação do resultado econômico.

Os fluxos financeiros de investimento são as saídas monetárias da empresa destinadas às aquisições de ativos permanentes (terrenos, máquinas, equipamentos, etc.), assim como as entradas de recursos financeiros provenientes da venda destes mesmos ativos. Os fluxos de financiamento correspondem aos fluxos financeiros decorrentes de decisões de captação de recursos junto aos acionistas e às instituições financeiras e também aos fluxos de caixa para pagamentos de dividendos, juros, amortização de empréstimos e, para a realização de aplicações financeiras. Portanto, são os fluxos financeiros decorrentes das decisões do gestor financeiro que, ao tomá-las, deve analisar a necessidade de caixa da empresa para fazer face aos fluxos operacionais e de investimento.

Por sua vez, os fluxos financeiros operacionais (parte superior da Figura 1) correspondem às saídas de financeiras que se originam de decisões tomadas pelas atividades de compras, produção e vendas. Estes fluxos podem ser diferenciados em fluxos para investimento no capital de giro da empresa, fluxos para pagamentos de gastos periódicos e fluxos de recebimentos de vendas dos clientes. Ao final do ciclo operacional estes recursos são recuperados pelo recebimento das vendas. A seguir é apresentado um modelo gráfico caracterizando estes fluxos e, posteriormente, estes serão caracterizados e relacionados na demonstração de fluxos de caixa.

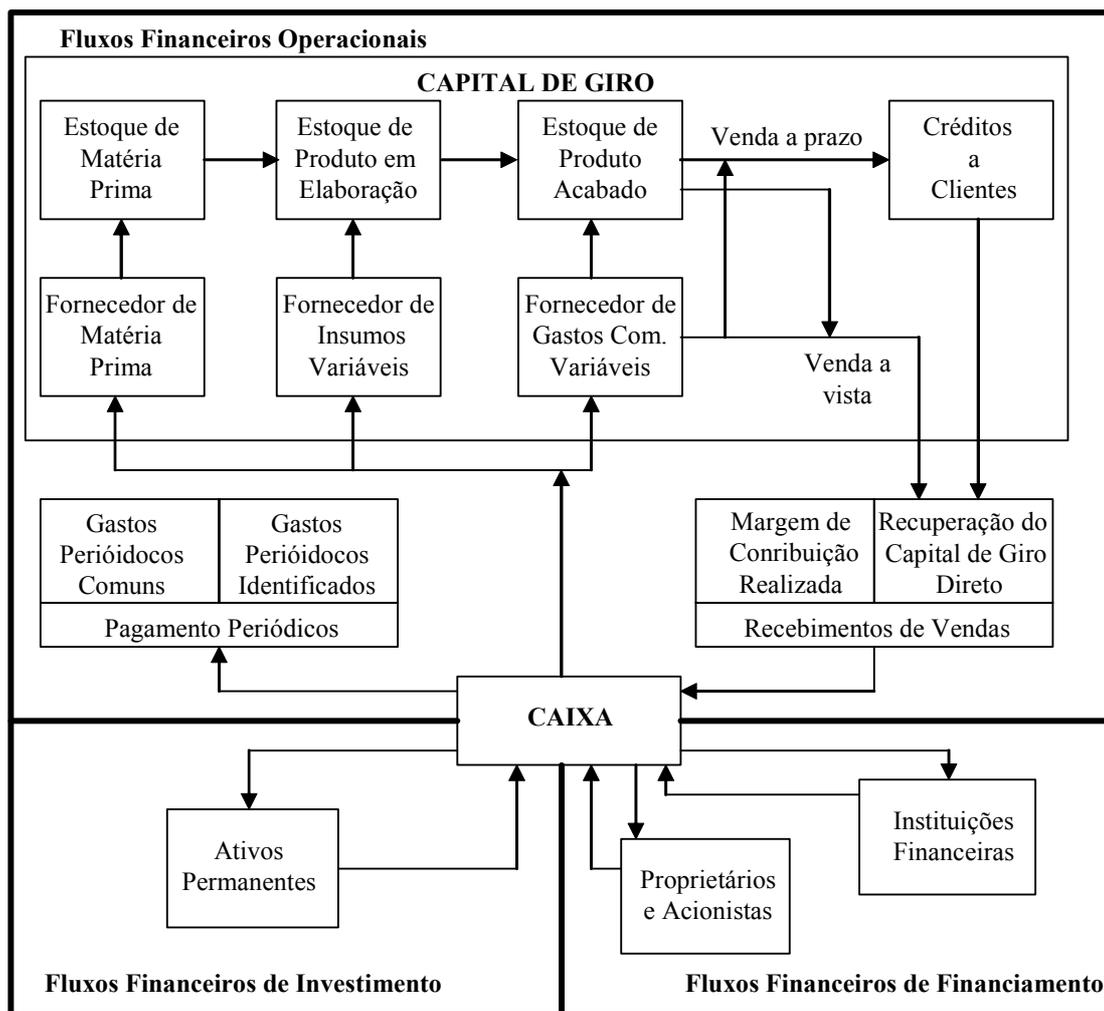


Figura 1 – Fluxos Financeiros nas Empresas Industriais

#### 4. Ciclo Operacional e Capital de Giro

O ciclo operacional de uma empresa é o período que vai da compra de matérias-primas até o recebimento das vendas dos produtos. Nas empresas industriais a duração do ciclo operacional depende do prazo de estocagem de matérias-primas, da extensão do ciclo produtivo, dos prazos de estocagem de produtos acabados e dos prazos de crédito concedido aos clientes da empresa. Na execução do ciclo operacional de um produto, a empresa adquire os recursos necessários (matérias-primas, insumos produtivos e serviços), sendo o pagamento pela aquisição destes pode ser feito à vista ou a prazo. Neste último caso, os fornecedores de insumos financiam parcela das necessidades de recursos financeiros de que a empresa necessita para a execução do ciclo operacional. Assim, as decisões tomadas no ciclo de compras, produção e vendas da empresa afetam o montante de recursos financeiros destinados à execução do ciclo operacional recursos estes, que é, no conjunto, são denominados de capital de giro.

Porém, deve-se reconhecer que “o conceito de capital de giro costuma apresentar diferentes interpretações, que são aplicadas segundo os critérios e a natureza do estudo desenvolvido” (MARTINS e ASSAF NETO, 1988, p.276). A literatura contábil e financeira apresenta diferentes metodologias de análise do capital de giro das empresas, metodologias estas que diferem no objetivo de análise, no conceito de capital de giro e na sua mensuração

(DOLABELLA, 1995). Neste trabalho adota-se a metodologia conceitual proposta por Audoye (1970). Segundo este autor,

“o capital de giro pode ser definido como o conjunto de valores que são submetidos a mutações cíclicas de curto prazo e cujo destino normal, ao final de cada ciclo operacional (fora a sua conversão em disponibilidades), é ser reutilizado dentro do ciclo operacional seguinte (daí a idéia de giro), excluindo, portanto, os valores que transitam pelo caixa da empresa mas cujo destino normal é exterior ao capital, de giro” (AUDOYE, 1970, p. 14 - tradução nossa).

Ao longo do tempo, a empresa recupera os recursos aplicados no ciclo através do recebimento das vendas aos clientes. Caso vendidos à vista, os recursos aplicados durante o processo produtivo, e mais aqueles gastos na venda, são recuperados no momento da venda. Caso a venda tenha sido a prazo, estes recursos serão transferidos para os créditos junto aos clientes para depois serem recuperados.

Portanto, na execução de suas atividades, a empresa desembolsa recursos financeiros para a execução do ciclo operacional dos diferentes produtos, sendo que o momento de desembolso destes recursos é diferido em função dos créditos obtidos juntos aos fornecedores. Ao final do ciclo, estes recursos são recuperados através do recebimento das vendas aos clientes. Cabe ao gestor financeiro analisar o comportamento desta necessidade de recursos e o impacto que a sua variação tem sobre os fluxos de caixa da empresa.

#### **4.1. Elementos do Capital de Giro, Capital de Giro Direto e Capital de Giro Comum**

Em determinado momento a necessidade de capital de giro da empresa está representada pelos gastos aplicados nos ativos originados no ciclo operacional, diminuído do montante a pagar aos fornecedores destes gastos. No processo industrial a empresa emprega recursos financeiros para aquisição de matéria-prima e outros insumos produtivos variáveis (energias) que se agregam ao processo produtivo. Enquanto não forem recuperados pelas vendas, os recursos aplicados no giro operacional podem estar aplicados nos estoques (matéria-prima, produtos em elaboração e acabados), no funcionamento operacional da empresa (salários, aluguéis) ou nos créditos concedidos aos clientes. Porém, parte destes recursos, ao invés de terem sido desembolsados pelas empresas, podem estar sendo financiados pelos fornecedores dos diferentes insumos produtivos e comerciais. Neste sentido, em um dado momento, o montante de recursos aplicados pela empresa no seu ciclo operacional é dado pela soma dos ativos operacionais que se formam neste ciclo, diminuído dos passivos que também se originam neste ciclo, conforme representado pelos elementos abaixo:

.  $NCG = EMP + EPE + EPA + CC - FMP - FIPV - FGCV$ , onde:

- NCG - Necessidade de Capital de Giro
- EMP - Estoque de Matéria-Prima
- EPE - Estoque de Produtos em Elaboração
- EPA - Estoque de Produtos Acabados
- CC - Créditos a Clientes
- FMP - Fornecedor de Matéria-Prima
- FIPV - Fornecedor de Insumos Produtivos Variáveis
- FGCV - Fornecedor de Gastos Comerciais Variáveis

Considerando-se que as empresas geralmente produzem mais de um produto, a mensuração das necessidades de capital de giro deve ser feita a partir da mensuração do capital de giro diretamente identificado aos produtos, pois cada produto pode possuir sua própria estrutura de gastos (fixos e variáveis), seu próprio volume e comportamento de vendas, seu próprio ciclo operacional e financeiro, e, portanto, sua própria necessidade de capital de giro. Assim, os recursos necessários ao ciclo operacional dos produtos, que podem ser identificados a estes sem nenhuma arbitrariedade, são denominados de Capital de Giro Direto (CGD).

Pode ocorrer que determinados recursos produtivos não se apliquem a apenas um produto ou não podem ser facilmente identificados individualmente a cada um destes (exemplo: matéria prima comum a todos os produtos da empresa). Neste caso, o montante de recursos aplicados no giro das operações dos diversos produtos, diminuído do financiamento dado pelos fornecedores destes recursos, constitui o Capital de Giro Comum. Portanto, em dado momento, a necessidade capital de giro da empresa (NCG) é o somatório do Capital de Giro Direto (CGD) dos produtos e do Capital de Giro Comum (CGC) a todos eles.

#### 4.2. Mensuração dos Elementos do Capital de Giro

Uma vez definidos os elementos que compõem o capital de giro de uma empresa, é preciso mensurá-los. O processo de mensuração pode ser definido como o processo de atribuição de números a objetos ou eventos de interesse. Não existe uma única forma de mensuração do capital de giro, pois, conforme já colocado, os conceitos e objetivos de análise deste variam.

Na conceituação adotada, o capital de giro exclui, para fins de cálculo, os valores que transitam pelo caixa da empresa, mas cujo destino normal é exterior ao capital de giro. Assim, o modelo de mensuração contábil deste trabalho propõe que os elementos componentes do capital de giro sejam mensurados pelo valor dos gastos aplicados no ciclo operacional e que em determinado momento estão embutidos nos estoques (matéria-prima, produtos em elaboração e produtos acabados) e nos créditos junto aos clientes. Por sua vez, os passivos originados da execução do ciclo operacional são mensurados pelos valores contratados junto aos fornecedores. Este modelo de mensuração está representado no Quadro 1.

<b>Elementos do Capital de Giro</b>	<b>Modelo de Mensuração</b>
Créditos a Clientes	Gastos variáveis (produtivos e comerciais) do produto vendido a prazo (preço de aquisição)
Estoque de Produtos Acabados	Gastos produtivos variáveis do produto acabado (preço de aquisição)
Estoque de Produtos em Elaboração	Gastos produtivos variáveis do produto em elaboração (preço de aquisição)
Estoque de Matéria-Prima	Gastos de aquisição dos materiais (preço de aquisição)

Quadro 1 – Modelo de Mensuração do Capital de Giro

Esta forma de mensuração dos elementos de capital de giro não segue os Princípios Fundamentais de Contabilidade. Os valores apresentados para Créditos a Clientes, Estoques de Produtos em Elaboração e Estoque de Produtos Acabados diferem dos valores apresentados pelos sistemas de contabilidade financeira e mesmo de sistemas de custos para fins de gestão econômica. Enquanto nestes sistemas o objetivo é fazer uma mensuração contábil/fiscal (seguindo os princípios contábeis/fiscais) ou econômica (adotando-se conceitos

econômicos) destes ativos, no modelo proposto o objetivo é buscar uma mensuração dos desembolsos financeiros produzidos pela produção e venda de determinado produto, ou seja, o montante de recursos financeiros aplicados, e não o seu valor econômico (ou contábil/fiscal).

## 5. Demonstração dos Fluxos de Caixa: elementos e estrutura

A demonstração dos fluxos de caixa tem por objetivo determinar o comportamento dos fluxos financeiros e os saldos periódicos de caixa, seja em termos históricos, no sentido de analisar quais *foram*, ou futuros, onde o interesse é analisar quais *serão* os fluxos e saldos financeiros face aos planos da empresa. O saldo final de caixa de uma empresa é a soma do seu saldo inicial com os fluxos financeiros (operacionais, de investimento e de financiamento) que ocorrem dentro de um período. Tendo em vista as necessidades informativas da gestão financeira, o modelo de demonstração proposto neste trabalho visa permitir uma análise periódica dos fluxos financeiros da empresa, porém, buscando identificar estes aos diferentes produtos da empresa. A classificação e cálculo destes fluxos podem ser evidenciados da seguinte forma (Quadro 2):

Período (mês)	Produto A	Produto B	Total
<b>A – Saldo Inicial de Caixa</b>			XXXX
Recebimento de Vendas	XXXX	XXXX	XXXX
(-) Recuperação do Capital de Giro Direto	(XXX)	(XXX)	(XXX)
(=) Margem de Contribuição Realizada	XXXX	XXXX	XXXX
(-) Variação do Capital de Giro Direto	(XXX)	(XXX)	(XXX)
(-) Gastos Periódicos Identificados	(XXX)	(XXX)	(XXX)
(=) Fluxos Financeiros Identificados	XXXX	XXXX	XXXX
(-) Variação do Capital de Giro Comum			(XXX)
(-) Gastos Periódicos Comuns			(XXX)
<b>(=) B – Fluxos Financeiros Operacionais</b>			XXXX
<b>C – Fluxos Financeiros de Investimento</b>			XXX
<b>D – Fluxos Financeiros de Financiamento</b>			XXX
<b>F – Saldo Final de Caixa (A+B+C+D)</b>			XXXX

Quadro 2 – Demonstração dos Fluxos de Caixa

### 5.1 Recebimentos de Clientes, Recuperação do Capital de Giro Direto e Margem de Contribuição Realizada

O ciclo operacional de um produto se encerra com os Recebimentos das Vendas (RV), seja das vendas à vista ou das vendas a prazo. O montante periódico dos Recebimentos de Vendas é determinado pela quantidade e preço dos produtos vendidos e pelas condições de prazos de pagamento que a empresa concede a seus clientes. Dos valores recebidos pelas vendas, dois elementos podem ser identificados em função do destino que eles terão ao final do ciclo operacional: a Recuperação do Capital de Giro Direto (RCGD) e a Margem de Contribuição Realizada financeiramente.

No momento dos recebimentos das vendas (à vista ou a prazo) são recuperados *financeiramente* os recursos investidos no ciclo operacional de cada produto vendido e este montante é denominado de Recuperação do Capital de Giro Direto (RCGD). Por definição, o capital de giro são os valores que, após a execução de um ciclo operacional, serão reutilizados no ciclo operacional seguinte, sendo o seu valor mensurado pelo valor do Capital de Giro Direto aplicado ao produto vendido (gastos produtivos e comerciais variáveis).

Assim, através da RCGD, quando dos recebimentos das vendas, o modelo identifica o montante de recursos financeiros que devem ser reaplicados para se efetuar o ciclo operacional dos produtos que foram vendidos e recebidos. Subtraindo-se o montante da RCGD do valor recebido dos clientes, identifica-se a Margem de Contribuição Realizada financeiramente (MCR) no período. Para que a empresa seja contínua, espera-se que o montante de recebimentos seja superior ao valor dos recursos aplicados no Capital de Giro Direto (CGD) dos produtos e, ainda, que permita a obtenção de um excedente para cobrir o pagamento dos gastos periódicos e dos outros fluxos financeiros da empresa (investimento e financiamento).

Em determinado período, pode ocorrer que o montante de capital de giro direto recuperado seja inferior ou superior à necessidade de capital de giro do período seguinte. Neste caso, haverá uma variação dos recursos aplicados no capital de giro, variação esta que deve ser identificada nos fluxos de caixa da empresa.

## **5.2. Pagamentos de Gastos Periódicos Identificados e Comuns**

Pagamentos de gastos periódicos são os pagamentos financeiros efetuados pela aquisição de bens ou serviços que são fornecidos ou prestados à empresa de forma regular, tais como mão-de-obra, aluguel, contratos de manutenção, energia elétrica fixa, seguros, etc. O termo “pagamento de gastos periódicos” significa que são saídas de caixa que ocorrem durante a execução do ciclo operacional da empresa, mas que não possuem relação volumétrica com o volume de compras, produção e vendas. Apesar de serem periódicas, não quer dizer que estes pagamentos existam de forma constante ao longo de todo um período anual. São “periódicos” porque representam pagamentos pela aquisição de gastos para manter uma determinada estrutura produtiva e administrativa e cujo montante depende do montante de gasto contratado e das condições de pagamento acordadas.

Assim como as aplicações de recursos no capital de giro, os pagamentos de gastos periódicos podem ser identificados a produtos ou serem comuns ao conjunto de produtos da empresa. Os pagamentos de gastos periódicos identificados correspondem às saídas financeiras decorrentes da aquisição periódica de bens e serviços necessários a um produto ou linha de produtos específica (mão-de-obra, aluguéis e seguros de máquinas, etc.). Por sua vez, os gastos periódicos comuns são aqueles pagamentos de gastos que existem para a execução do ciclo operacional dos diferentes produtos da empresa, sem nenhuma identificação com estes (mão-de-obra indireta e de pessoal administrativo; impostos sobre a propriedade; aluguéis, etc.).

Apesar de adotar a identificação e mensuração de novos elementos de fluxos patrimoniais os valores finais dos fluxos e saldos de caixa no modelo proposto não diferem dos valores apresentados no modelo direto e indireto de demonstração dos fluxos de caixa, o que demonstra a objetividade numérica do modelo. Entretanto, verifica-se que o modelo proporciona uma compreensão e explicação do comportamento destes fluxos financeiros operacionais em função da estrutura de custos e ciclos operacionais dos diferentes produtos de uma empresa.

## **6. Conclusão**

A continuidade das organizações depende, dentre outros aspectos, do gerenciamento de sua liquidez. Para este fim, cabe à contabilidade, através da demonstração de fluxos de caixa, histórica e projetada, procurar identificar e mensurar os fluxos financeiros de cada produto da empresa e como estes fluxos se comportam quando ocorrem decisões operacionais (compras,

produção e vendas). Os modelos de demonstração de fluxos de caixa (método direto e indireto) utilizados na contabilidade financeira e pela gerência, permitem uma separação dos fluxos quando às finalidades destes: fluxos operacionais, fluxos de investimento e fluxos de financiamento. Porém os fluxos financeiros operacionais não são identificados aos produtos.

O modelo de demonstração dos fluxos de caixa proposto (Quadro 2) evidencia os fluxos de caixa por produtos e, para isto, identifica e mensura novos elementos e fluxos patrimoniais até então não evidenciados nos modelos convencionais de demonstrações contábeis, tais como: Variação no Capital de Giro Direto (CGD) e no Capital de Giro Comum (CGC); Recuperação do Capital de Giro Direto, Margem de Contribuição Realizada (financeiramente), Gastos Periódicos Identificados (GPI) e Comuns (CPC); e Fluxos Financeiros Operacionais Identificados.

Acredita-se que através da identificação e relação destes elementos patrimoniais aos diferentes produtos, torna-se possível à gestão da empresa analisar as conseqüências financeiras de decisões operacionais e econômicas tomadas pelas diferentes áreas envolvidas na execução do ciclo operacional das empresas. Além disto, a partir da mensuração e acompanhamento da evolução das necessidades de Capital de Giro Direto ao longo do tempo, o gestor financeiro terá melhores condições de estabelecer a estratégia de financiamento mais adequada à evolução destas necessidades.

A metodologia utilizada na pesquisa foi útil, pois, mesmo não utilizando um caso real, permitiu que fosse criado um modelo de informação contábil que apresenta elementos do patrimônio empresarial até então desconhecidos. Porém, acredita-se que a aplicação deste modelo de informação a um caso real possa ainda proporcionar aperfeiçoamentos conceituais e metodológicos que, na situação hipotética, não puderam ser identificados.

A implementação prática deste modelo nas empresas dependerá ainda do estabelecimento de um Plano de Contas e de um processo de lançamentos contábeis que, paralelamente aos registros dos eventos econômicos e fiscais das empresas, permitam o registro dos eventos que produzem as variações no capital de giro e nos fluxos financeiros. Além disto, a integração deste modelo de informação ao processo de planejamento da empresa deverá ser feito através do desenvolvimento de modelos matemáticos para simular as conseqüências das decisões operacionais e econômicas sobre o comportamento dos componentes do capital de giro e dos fluxos de caixa, levando-se em consideração horizontes temporais em situações deterministas ou estocásticas.

Espera-se que este modelo de informação possa contribuir para que a contabilidade atinja o objetivo de identificar, mensurar e comunicar as dimensões financeiras do patrimônio das empresas e, desta forma, dar suporte informativo ao gestor financeiro na sua missão de garantir a liquidez empresarial.

#### Referências

- AUDOYE, Jean-Marie (1970). *Le fonds de roulement*. Paris: Entreprise Moderne d'Édition.
- BRAGA, Roberto (1989). *Fundamentos e técnicas de administração financeira*. São Paulo: Ed. Atlas S/A.
- DAVIS, Duane & COSENZA, Robert (1985). *Business research for decision making*. Boston: Kent Publishing.
- DOLABELLA, Maurício M (1995). *Mensuração e simulação das necessidades de capital de giro e dos fluxos financeiros operacionais: um modelo de informação contábil para a gestão financeira*. São Paulo. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo.
- FREZATTI, Fábio (1997). *Gestão do fluxo de caixa diário – como dispor de um instrumento fundamental para o gerenciamento do negócio*. São Paulo: Ed. Atlas.
- IUDÍCIBUS, Sérgio. (1989) *Teoria da contabilidade*. São Paulo: Ed. Atlas.

MARQUES, José Augusto V.C & BRAGA, Braga. (2001) Demonstração dos fluxos de caixa: uma contribuição à modificação da legislação societária. IN: *Encontro Nacional de Programas de Pós-Graduação em Administração*, 25º, 16 a 19 de setembro, 2001. Campinas. Anais. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/enanpad/2001/dwn/enanpad2001-ccg-1051.pdf>> Acesso em 24/04/2004.

MARTINS, Eliseu, & ASSAF NETO, Alexandre (1988). *Administração financeira: as finanças das empresas sob condições inflacionárias*. São Paulo: Ed. Atlas S/A.

STOLOWY, Hervé (1989). *Que sais-je? Les tableaux de financement et de flux*. Paris: Presses Universitaires de France.

ZDANOWICZ, José Eduardo (1988). *Fluxo de Caixa: uma decisão de planejamento e controles financeiros*. Porto Alegre: Ed. Luzzato.